



Sobre “Púchkin e Pugatchov” de Marina Tsvetáieva¹

Elitza L. Bachvarova

La realidad no es un destino, es un desafío.
Eduardo Galeano²

Essa tradução de “Púchkin e Pugatchov” foi iniciada para ajudar no ensino da prosa russa do século XIX e, mais especificamente, da novela de Púchkin, *A Filha do Capitão*. Desde o início, enfrentamos inúmeros obstáculos para cumprir tal tarefa, entre

os quais o mais premente – a necessidade de encontrar uma tradução melhor em português da obra-prima de Púchkin. Tivemos de nos satisfazer com a versão menos problemática³.

Assim que esse ponto foi resolvido, sobrou o eterno desafio de

¹ Foto da estátua de Marina Tsvetaïeva em Borisoglebsky aléia, em Moscou, inaugurada em 2007.

² Entrevista de Eduardo Galeano para Scott Sherman do *Atlantic*, em 28 de outubro de 2000, no Hotel Milburn, N.Y.

³ Numa tradução, todas as epígrafes foram simplesmente suprimidas.

transmitir o brilho da obra em prosa do poeta, joia da ficção histórica, a mais popular na Rússia. Também não foram tarefas simples explicar o contexto histórico da maior rebelião camponesa ocorrida na Rússia e as circunstâncias peculiares em torno da criação do romance, pouco tempo antes da morte de seu autor. Pensei, então, em usar as reflexões e críticas de outros poetas sobre o romance de Púchkin e sobre a rebelião e seu significado para a cultura russa.

Poderíamos usar “Pugatchov” (1921) de Iessénin, que é, claro, um exemplo bem conhecido e muito apreciado. Mas, sendo esse um longo poema em versos, sem tradução para o português, tal opção se mostrou inviável. Optei por “Púchkin e Pugatchov” de Tsvetáieva, que também proporcionou a oportunidade de familiarizar os alunos com a perspectiva de uma poeta modernista do século XX sobre a prosa inimitável de seu venerável antecessor, o luminar da língua e literatura russa moderna no século XIX, A. S. Púchkin.

Apenas o ensaio “Meu Púchkin”, de Tsvetáieva, se encontra traduzido para o português. Então, nós nos deparamos com a necessidade de fazer a nossa própria tradução de “Púchkin e Pugatchov”.

Marina Tsvetáieva (1892-1941) fez parte do rol dos quatro grandes poetas russos do século XX, juntamente com Akhmátova, Mandelstam e Pasternak. Ela também escreveu prosa, num nível de qualidade superlativo.

A década de 1920 foi, na verdade, uma década notável na literatura russa. O renascimento da poesia na virada do século foi seguido por um florescimento de uma prosa que tinha a concentração e o poder da poesia, fossem seus escritores poetas (como Biély, Mandelstam, Pasternak) ou prosadores (como Bábel, Oliecha, Platônov ou Zamiátin, entre outros). Roman Jakobson rotulou-a de “prosa peculiar a uma era de poesia”⁴.

A prosa de Tsvetáieva é, no entanto, diferente da dos seus contemporâneos – intensa, ardente e personalíssima, de orientação dialógica

⁴ SONTAG, Susan. *Questão de Ênfase*. Companhia das Letras, 2020.

e focada na etimologia. Sua prosa era dotada de uma “sensibilidade linguística fenomenalmente elevada”, nas palavras de Joseph Bródski.

A prosa de poeta não tem apenas um ardor, uma densidade, uma velocidade, uma fibra específica. Uma prosa de poeta é a autobiografia do fervor. O conjunto da obra de Tsvetáieva é uma argumentação em defesa do arrebatamento; e em defesa do gênio, ou seja, da hierarquia: uma poética do prometeico⁵.

“Toda a nossa relação com a arte é uma exceção em favor do gênio”, escreveu Tsvetáieva em seu incrível ensaio “Arte à Luz da Consciência”. Ser poeta é uma condição humana peculiar – de vida elevada. Nenhum outro escritor moderno se aproxima de uma experiência do sublime como ela.

Em sua prosa, Tsvetáieva preocupava-se principalmente com a natureza da criação poética e o que significa ser poeta. Entre as explorações mais brilhantes desse tema, além de “Arte à Luz da Consciência” com a sua defesa espirituosa da poesia, estão também os seus ensaios “O Poeta sobre o Crítico”, que lhe rendeu a inimizade de muitos, e “O Poeta e o Tempo”. Eles servem como chave para a

compreensão de seu próprio credo artístico e obra poética. Nas palavras de C. K. Williams sobre a prosa de Tsvetáieva:

Para mim, não há ensaios sobre poesia tão singulares, tão profundos, tão apaixonantes, tão inspiradores como esses. “Arte - uma série de respostas para as quais não há perguntas”, afirma Tsvetáieva brilhantemente, e em seguida faz perguntas que não sabíamos que existiam até ela nos oferecê-las, além de respostas a alguns dos mistérios mais duradouros da poesia⁶.

A prosa de poeta

Os ensaios de Tsvetáieva são notáveis por seu alcance das profundezas, da própria essência da criatividade de Púchkin, dos “segredos” de seu pensamento artístico. Só um autêntico poeta pode escrever sobre arte e poesia dessa forma.

‘Púchkin tem muitos rostos, ela declara’; e em outro momento ela fala até da infinidade de seus rostos. Mas não é por acaso que ela enfatiza a origem africana do poeta, assim como não é por acaso que suas obras favoritas de Púchkin são “Os Ciganos”, “Os Demônios”, “Hino à Peste” em “Festim em tempos de Peste”, “A Batalha de Poltava” em “Poltava”, e o poema “Ao Mar”. Ou seja, obras nas quais o caráter apaixonado e independente de Púchkin foi melhor exprimido, e de forma mais clara. “Não uma lição de “medida”, mas uma lição de escuta atenciosa aos elementos, em resposta às forças (*stikhii*) – é isso que a

⁴ Ibid.

⁶ Art in the Light of Conscience: Eight Essays on Poetry by Marina Tsvetaeva. Trans. and Intro.

Angela Livingstone. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

poeta do século XX ouve nos versos do seu grande antecessor⁷.

A abordagem de Tsvetáieva sobre a obra de Púchkin, especialmente em “Púchkin e Pugatchov”, é original e notável por esboçar um encontro espiritual e poético com a sua “luz guia” por meio do próprio “encontro” de Púchkin com o impostor – *samozvanets* Pugatchov. O seu trabalho é uma “confissão” de amor e um evento cabal na sua própria vida, permitindo-lhe reafirmar os valores artísticos e éticos mais altos através dos olhos do poeta Púchkin, na véspera do seu próprio malfadado regresso à Rússia (soviética) – sem ilusões ou esperança. É uma despedida de poeta⁸.

A expressividade verbal de Tsvetáieva

A força primária, a “*stikhiia*”⁹ da poesia, respira nos ensaios de Marina Tsvetáieva sobre Púchkin. Neles, ela é a

mesma mestra da arte da palavra – original, íntegra e confiante como na poesia, não perdendo nada da intensidade dos sentimentos que definem o seu gênio – entusiasmo e paixão ardentes e indignação tempestuosa, julgamentos sempre apaixonados e muitas vezes enviesados. É a intensidade do sentimento imediato e a energia da sua expressão verbal que faz desses ensaios a prosa de poeta.

A forma dessa escrita torna os ensaios ao mesmo tempo mais fáceis e mais difíceis de entender. A prosa de Tsvetáieva incorpora um tipo especial de discurso – um discurso muito lírico e, o mais importante, uma fala completamente livre, natural, espontânea.

Acima de tudo, assemelha-se a uma discussão animada e, portanto, um tanto confusa, ou a uma “conversa consigo mesma”, quando a pessoa não tem tempo para observar as regras estritas da gramática oficial. Na própria aspereza desse discurso rápido e ávido, com as

⁷ KHRAPUNOVA, G. I., “Мне – славить Имя твое” (Пушкинская тема в поэзии Серебряного века) Устный журнал. <https://urok.1sept.ru/articles/512929>

⁸ O regresso de Tsvetáieva à União Soviética, em 18 de junho de 1939, revelou-se a sua sentença de morte. Ariadna, sua filha, e Serguei, seu marido, foram presos, e muitos dos seus amigos também sofreram os horrores do regime de Stálin. A poeta parou de escrever, e esse foi o seu suicídio espiritual. Meses depois, seu filho Mur a encontrou enforcada na casa deles em Elabuga. Ela havia lhe deixado um bilhete: “...Estou loucamente apaixonada por você... Diga ao

papai e à Alia - se você os vir - que os amei até o último momento e explique-lhes que me encontrei num beco sem saída”. Marina Tsvetáieva morreu em 31 de agosto de 1941. Fonte: <http://www.Puchkiniana.org/index.php/articles-10/138-obell-article10>.

⁹ СТИХИЯ – Do grego *stoicheion*, *stoiceion* - origem, princípio, elemento). Na filosofia natural antiga, uma das substâncias primárias, os elementos básicos da natureza (por exemplo, água, fogo, madeira, metal, terra); Na antiga filosofia chinesa, terra, água, ar, fogo; Mais tarde; fenômeno. Fonte: <https://dic.academic.ru/contents.nsf/enc1p/>.

suas hesitações constantes, liberdades sintáticas, sugestões e implicações, reside aquele encanto especial da língua viva, da língua falada¹⁰.

E, ao mesmo tempo, o discurso de Marina Tsvetáieva, aparentemente incoerente, é extremamente preciso, comprimido aforisticamente, cheio de ironia e sarcasmo, brincando com todos os matizes dos significados semânticos da palavra. Essa palavra sempre adquire uma eloquência especial e a capacidade de ridicularizar fatalmente quando é animada pelo desgosto ou a indignação.

Alguns traços precisos, exatos e rápidos - e emerge o retrato aniquilador de Ekatierina II:

Contra o fundo flamejante de Pugatchov - incêndios, pilhagem, tempestades de neve, *kibitkas*, banquetes - essa mulher de touca e casaquinho sem mangas, no banco, entre tantas pontes e folhas, pareceu-me um peixe enorme e branco, um *belorybitsa* ["peixebranco"]. E até sem sal¹¹.



Retratos de Ekatierina II, ilustrativos dos comentários irônicos de Tsvetáieva¹².

Tsvetáieva propõe-se a esclarecer tudo, explicita os significados que se escondem em cada ambiguidade, pondera tudo, comenta abundantemente o que acaba de afirmar. No entanto, ela é difícil de ler, porque os comentários muitas vezes introduzem maior complexidade, e porque ela é capaz de ser breve e repentina, mesmo quando entra em detalhes. Sua escrita torna a compreensão ao mesmo tempo fácil e difícil.

A característica mais marcante do estilo verbal de Tsvetáieva é a unidade indissolúvel de pensamento e fala. A própria multidimensionalidade

¹⁰ ORLOV, V. M., "Сильная вещь - поэзия" «Сов. писатель», 1981.

¹¹ TSVETÁIEVA, M. *Sobranie sotchinenii v semi tomakh*. Tom 5: *Avtobiograficheskaya proza*. Stat'i. Esse. Perevody. Moskva: Ellis Lak, 1994, p. 510.

¹² O retrato de Ekatierina II em pé é de Vladimir Borovikovski, de 1794. Essa pintura foi amplamente discutida tanto na época de sua criação - precisou ser

retocada por um famoso pintor europeu - quanto durante a escrita de *A Filha do Capitão*, de Púchkin. Chklóvski, por exemplo, dedica uma parte significativa de sua crítica do romance, comentando o traje da imperatriz e o seu retrato. Cf.: EMERSON, Caryl, "Grinev's Dream: The Captain's Daughter and a Father's Blessing", *Slavic Review*, Spring, 1981, Vol. 40, No. 1, 1981, pp. 60-76.

e dificuldade de sua prosa decorrem da riqueza do pensamento, comprimido ao extremo, e da intensidade de sua expressão. Ela não somente analisa, mas expande e aprofunda o espaço semântico do texto. E isso, via de regra, vai muito além do tema diretamente tratado. O leitor se vê levado vagarosamente pelo deleite da meditação, quando, despercebido - ainda que diante de seus olhos! - nasce um enredo completamente novo, retirado do cotidiano e do histórico - para uma dimensão completamente diferente, como no seguinte exemplo:

Neste diálogo, há um elemento estranhamente autobiográfico¹³:

Pugatchov - para Griniov:
 - E se eu deixar você ir, você promete pelo menos não lutar contra mim?
 - Como posso te prometer isso?
 Nicolau I a Púchkin:
 - Onde você estaria em 14 de dezembro, se estivesse na cidade?
 - Na Praça do Senado, Vossa Alteza!¹⁴

A mesma entonação da verdade exaltada e perigosa: beirando o abismo. Nas respostas de Griniov, ouvimos constantemente um tom que, se nem sempre ressoava no gabinete do monarca, sempre ressoava dentro de Púchkin e, de qualquer forma, já estava registrado nas margens de seus cadernos.

Para Griniov, era bem mais difícil falar e agir: renunciar a Pugatchov. Griniov era grato a Pugatchov e por boas razões. Desde o primeiro encontro, Pugatchov se encantou com Griniov - e tinha por quê. A resposta de Griniov é o dever: a renúncia a quem você ama.

Púchkin não tinha nenhuma dívida com Nicolau, e em nada foi enfeitado por ele: não havia motivos. A resposta de Púchkin a Nicolau foi pura exaltação: a vingança sobre o não-amado.

Continuando o paralelo:

O tsar-pretensão - pela verdade - o inimigo - libertou.

O tsar-autocrata - pela verdade - o poeta - acorrentou.

O vigor intelectual, uma espécie de meticulosidade lacônica, também permite que Tsvetáieva imbua nova vitalidade a velhos conceitos. Em particular, dois desses conceitos são de especial importância em “Púchkin e Pugatchov”: *vojatyi* (guia) e *tchara* (feitiço, magia, encantamento).

VOJATYI

Em “Meu Púchkin”, Tsvetáieva escreveu:

“Ao dizer ‘lobo’, eu dou nome ao Vojaty. Ao dar nome ao Vojaty - eu nomeio Pugatchov: o lobo, que daquela vez poupou o cordeiro, lobo que arrastou o cordeiro para a floresta escura, - para amar. ...

Mas sobre mim e o Vojaty, sobre Púchkin e Pugatchov, falarei à parte,

¹³ Uma citação levemente imprecisa da conversa que ocorreu entre Púchkin e o tsar Nicolau I em 8 de setembro de 1826 (Ver V.V. Veresaev, *Pushkin in Life*, Vol. II, p. 53).

¹⁴ A praça da revolta dos Dezembristas.

porque o Vojatyi nos conduzirá para longe, talvez até mais longe do que o alferes Grinyov, talvez para onde o bem e o mal se embrenham, ali, para o coração do abismo onde eles estão inextricavelmente emaranhados e, emaranhando-se torcidos e, torcendo, formam a vida viva.

Eu diria mesmo que amava o Vojatyi mais do que aos meus familiares e mais do que a todos os desconhecidos, mais do que a todos os meus cachorros amados, mais do que a todas as bolas que rolaram para o porão e mais do que aos canivetes perdidos ... mais do que a todo o meu armário vermelho secreto, onde ele era o principal mistério. Mais do que de “Os ciganos”, porque ele era – mais negro do que os ciganos e mais *sombrio* do que os ciganos.

E, se a plenos pulmões eu conseguia dizer que no armário secreto vivia Púchkin, hoje, é sussurrando a custo que eu digo: no armário secreto vivia... o Vojatyi¹⁵.

Em “Púchkin e Pugatchov” lemos e encontramos os gostos e desgostos conhecidos de Tsvetáieva. São eles que explicam por que na novela de Púchkin, que Marina leu quando ainda era uma criança, o personagem principal para ela acabou sendo o “Vojatyi” - o rebelde Pugatchov, e não a própria “filha do capitão,” Macha Mirónova ou seu noivo Petrucha Griniov. Não foram

eles, mas, sim, o Vojatyi que cativou a jovem leitora – com seu olhar ardente, a força da natureza indômita e chama interior, que a garota instantaneamente percebeu nele. São precisamente essas qualidades aos olhos de Tsvetáieva que são as marcas mais encantadoras da “vida vivida” (*признаки живой жизни*). Desde a sua infância, ela as procurava e as encontrava em tudo o que amava¹⁶.

Pugatchov enfeitiçou a sua leitora no pano de fundo de fogo – no furor dos incêndios, da destruição, dos banquetes...



Retrato de Pugatchov, out. 1773¹⁷.

A visão que Tsvetáieva tem de Pugatchov é focada na palavra ‘guia’ que é transformada em símbolo. Desde

¹⁵ ALMEIDA, Paula Vaz de. “O Meu Púchkin de Marina Tsvetáieva: tradução e apresentação”. Dissertação de Mestrado USP/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ Departamento de Letras Orientais/ Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Russa. São Paulo, 2008, pp. 70-71. A citação, no presente texto, é baseada no trabalho mencionado, com algumas

poucas alterações. A palavra “guia” foi substituída por “Vojatyi”.

¹⁶ KUDROVA. Ibid.

¹⁷ Seu retrato foi reproduzido com a seguinte legenda: «Подлинное изображение бунтовщика и обманщика Емельки Пугачёва», октябрь 1773 года - A verdadeira representação do rebelde e enganador Iemelka Pugatchov - outubro 1773.

o início, Tsvetáieva afirma que essa palavra sempre teve um significado mágico para ela: levando em conta a linguagem e o imaginário semiótico dela, é, de fato, possível desdobrar todo o significado de seu ensaio com base nessa palavra. Em vista disso, mantivemos “Vojatyi”, em vez de sua tradução para o português, em todo “Púchkin e Pugatchov”.

Em Vojatyi, Tsvetáieva (sempre explorando a etimologia de seus conceitos-chave) ressuscitou a ligação entre a palavra russa *вольный* (“livre”) e a palavra *воля* (“vontade”). De acordo com Alexandra Smith:

no código poético de Tsvetáieva, Púchkin é apresentado não apenas como voltairiano, mas também como volitivo. Em outras palavras, o modelo mitopoético de Tsvetáieva baseia-se no

radical latino “*volō*”, que significa “eu desejo”.¹⁸ Se levarmos em conta a origem etimológica da palavra “*volk*”, então podemos ver que a palavra ...*vojatyi* é uma conotação da palavra “lobo”. Uma das possíveis origens da palavra remonta ao radical eslavo “*vel*”. Este radical aparece no verbo ‘*volochit*’; do ponto de vista etimológico significa ‘tirar algo de alguém à força’¹⁹.

Além disso, é importante notar que algumas teorias linguísticas ligam a palavra russa “*volk*” a “*volkhv*” (que significa “mago”, “bruxo”, “feiticeiro” etc.)²⁰.

No seu significado de ‘guia’, ‘líder’ e ‘feiticeiro’, é fácil entender o uso que Tsvetáieva faz de *Vojatyi*, quase sempre em maiúscula, como sendo aquele que é capaz de propiciar o encontro com um outro mundo.

¹⁸ A origem da palavra *ВОЖАТЫЙ* (‘guia’, ‘líder’; masculino): “*ВОЖАТЫЙ*, вожатого, муж. 1. Um guia mostrando o caminho. 2. Líder do grupo pioneiro (neologismo oficial). 3. O mesmo que um motorista de carruagem (coloquial)”. Fonte: <https://dic.academic.ru/dic.nsf/ushakov/761654>.

“*ВОЖАТЫЙ* – Старое существительное «вожатый» стояло некогда в ряду похожих на него слов: «глашатай», «оратай» (пахарь) и т. п. Но под влиянием созвучных с ним прилагательных на «-атый» оно переименовало свою форму, да так основательно, что теперь уже нельзя и думать вернуться к прошлому”. Fonte: <https://lexicography.online/etymology/uspensky/в/вожатый>.

“*вожатый* – провожатый, с XVI – XVII в., часто в Москве. Из **vođatajъ* с контаминацией с окончанием прилаг. -атый; см. Соболевский, РФВ 53, 10.

Вожатый. Искон. Возникло из суф. *вожатый* под влиянием прил. на -атый и получило склонение прилагательных. *Вожатый* – суф. производное (суф. -тай) от *вожати* «водить». Ср. *глашатай*”. <https://lexicography.online/etymology/shansky/в/вожатый>.

¹⁹ SMITH, Alexandra, *Tsvetaeva’s Interpretation of Pushkin’s Life and Work*. PhD dissertation, University of London 1993; pp.215-216.

²⁰ Origens de *ВОЛХВ* –, волх муж., No eslavo antigo: *чародей* – feiticeiro; *колдун/пропицатель* – feiticeiro/adivinho; *мудрец* – sábio; *звездочет, астролог* – astrólogo; *знахарь, ворожея, чернокнижник, волшебник* – curandeiro, feiticeiro, (masculino), feiticeira (feminino); *вологод/vologod, волхат/volkhat, волхит /volkhit* (masculino) *волхатка /volkhatka, волхитка /volkhitka, волховка /volkhovka* – feiticeira (feminino). Verbo: *волхвовать, волиить, волшебничать* *колдун, кудесник* – fazer magia, fazer feitiço, mágico. Exemplo na literatura: «Волхвы не боятся могучих владык.» / “Os Magos não têm medo de senhores poderosos.” Púchkin. Dicionário Ushakov/[Толковый словарь Даля](#); Толковый словарь Т. Ф. Ефремова 2000.

Seu uso persistente dessa palavra em seu ensaio, afirmando que a identidade de Pugatchov é a do lobo dos contos de fadas²¹, baseia-se na sua visão da natureza sagrada de seu discurso, uma fala repleta de provérbios e alusões indecifráveis. Tsvetáieva destaca que esse discurso esconde uma mensagem sagrada e declara que a imagem do Vojatyí surgiu, para ela, do “conto de fadas de sua vida e de seu ser”. Ela valeu-se do largo escopo do *vojatyí* e o justapôs a *vodimyi* para organizar e iluminar as múltiplas vertentes da relação dos protagonistas e, mais importante, do poeta com o tsar-pretense²² (o *samozvanets*)²³.

A dialética de “líder” e “conduzido” - *вожатый* e *водимый* - estruturará o encontro de “Púchkin e Pugatchov” em *A Filha do Capitão*, em vários níveis: 1) o encontro de Petrucha Griniov e o líder rebelde Iemelian

Pugatchov na nevasca, disfarçado de simples *mujik*²⁴, o Vojatyí; 2) o tsar pretense e o oficial do exército de Ekatierina II; 3) o poeta e o *samozvanets*; 4) na despedida ao pé do cadafalso, após o esmagamento sangrento da rebelião.

Mas há também o encontro dos dois poetas - a própria Tsvetáieva com Púchkin - numa sublime meditação trágica, “à beira do abismo” que “Púchkin e Pugatchov” se tornou para ela, biográfica e artisticamente:

“Há êxtase no combate, e à beira do abismo sombrio,” ela repete ao longo do seu ensaio:

Há êxtase no combate,
e à beira do abismo sombrio,
no oceano enfurecido,
nas ondas que gritam, na noite
que treme
no furacão das Arábias,
e também no bafo da Peste!

Tudo, tudo que a morte ameaça,
Para o coração mortal,
Gozo inexplicável esconde -
De Imortalidade, sendo talvez
um sinal!

²¹ A. Smith afirma que a tradição popular eslava se funde, no ensaio de Tsvetáieva, com antigos conceitos gregos. Pugatchov evoca a imagem do Guardião do submundo - Caronte (que levava os espíritos para o outro lado do rio dos mortos). “Além disso, [Tsvetáieva] liga o arquétipo grego com o personagem folclórico russo, o lobo, que desempenha função semelhante à de Caronte. (Ela chama Pugatchov de ‘lobo’ dos contos de fadas)”. Ibid.

²² No sentido de um pretendente ao trono que se autodeclara tsar, disputando assim a legitimidade do detentor, na época, do poder oficial.

²³ Uma pessoa dotada da habilidade de acolher o mandamento de ouvir é incapaz de resistir a ele, ou seja, o poeta-criador, acaba sendo ao mesmo tempo um “guia” e um “conduzido” («ведущим», «водящий», «вожатым», na terminologia de Tsvetáieva). Isso é um exemplo típico do seu estilo antinômico. TSVETKOVA, M.V. “Poet, Poetry, and Gift of Creativity in Marina Tsvetaeva’s Poetic World” ISSN 2541-7738. Ученые записки Казанского университета. Серия Гуманитарные науки, 2017.

²⁴ Camponês russo.

E feliz o homem que, na
tormenta,
Pode as ver e desfrutar²⁵.

O poema serve de refrão em todo
o seu “Púchkin e Pugatchov”.

TCHARA²⁶

Vojatyi também fundamentava o outro
foco da meditação de Tsvetáieva, talvez
o principal – ‘чара’, ‘feitiço’, ‘magia’,
‘encantamento’ – através da relação
líder-guia e guiado (вожа́тый-водящий-
водимый), como sugerido acima.

No estudo poético “Púchkin e
Pugatchov” ambos os personagens
atraíram a atenção de Tsvetáieva:
Púchkin como o maior poeta e
Pugatchov como o grande rebelde. Ela
mesma se dizia rebelde – pela sua
própria natureza e pelo espírito da sua

criatividade (“Sou uma rebelde – de
alma e coração”²⁷). Assim, Tsvetáieva
não podia ser indiferente aos bravos e
rebeldes de diferentes épocas e povos. E
na história da Rússia ela se sentiu
especialmente atraída por Rázin²⁸ e
Pugatchov.

Uma forma de justificar a sua
paixão pelo “transgressor”, paixão esta
que ela associa à própria essência e
vocação do poeta, foi de afirmar que
‘Pugatchov’ era, para ela, uma palavra
que rimava com ‘diabo’ (чепм) e, assim,
a imagem de “Vojatyi” revelou-se
poderosa, não apenas em “Púchkin e
Pugatchov”, mas em toda a sua obra
(especialmente na década de 1930). A
associação de *Vojatyi* com diabrura e
magia negra, feitiço, no vocabulário de
Tsvetáieva, também contrasta

²⁵ Ibid.

²⁶ “чара”: прелесть, миловидность, красота, великолепие, очарование, привлекательность, обаятельность, магия, романтика; восхищение. “tchara”- significado em português: amabilidade, beleza, magnificência, encanto, encantamento, fascínio, atratividade, amabilidade, magia, romance; interesse; charme. “Tchara” é também uma palavra ligada a “tcharka” (“чарка”) – um copo; antigo russo – recipiente de metal para bebidas fortes. Exemplo: “Beba um tchar e você ficará enevoado.” A. K. Tolstói; Etimologia: Tchara já está presente na inscrição do Príncipe Vladimir Chernigov por volta de 1151; (ver Srezn. III, 1471); Russo: Tchara, Tcharka, ucraniano, bielorrusso – Tchara, Tcharka; polonês – Szara “tchara”. Parentesco com o indo-europeu antigo – carús; “caldeirão”; grego – κέρπος, κέρπον “tigela de sacrifício”; irlandês antigo – coire – festa; nórdico antigo hœrr “caldeirão”, hvern “pote”, gótico. 𐌺𐌹𐌺𐌹𐌺𐌹 (hvaírnei) “caveira”. Alguns outros

estudiosos relacionam чара como palavra emprestada do turco às línguas eslavas orientais, com fonte em dialetos tártaros de Altai e em turco oriental; eles veem uma fonte em Tataristan, Altai, etc.; significado: čara – “tigela grande”; mongol – čara.

²⁷ TSVETÁIEVA, Marina: «Руку на сердце положи...» Кричали женщины ура / И в воздух чепчики бросали.... Грибоедов («Горе от ума») : Руку на сердце положи: / Я не знатная госпожа! / Я – мятежница лбом и чревом. ... 21 мая 1920”.

²⁸ Stienka Rázin foi um cossaco russo que liderou uma grande rebelião no sul da Rússia, entre 1670 e 1671, contra a nobreza e a administração tsarista, com seus cobradores de impostos impiedosos, que extorquiam e escravizavam os camponeses. Ele é um sujeito lendário que inspirou inúmeras canções e poemas folclóricos dos poetas românticos, romances e filmes no século XX. A primeira obra propriamente cinematográfica, feita na Rússia em 1908, também foi sobre ele.

implicitamente com o uso oficial de “*Vojd*” na década de 1930 e depois. Vale a pena lembrar que o título oficial concedido pela propaganda soviética a Stálin foi “*Vojd Narodov*” entre muitos outros títulos bombásticos²⁹.

Como já observado, no sistema poético de Tsvetáieva, suas palavras e imagens-chave revelam ligações linguísticas, como, por exemplo, no anagrama que ela cria ligando *Vojatyi* e *Jar* (chama, brasa). O modelo mitopoético de Tsvetáieva é baseado no anagrama com o radical “*tchum*”. Ela liga ‘Pugatchov’ à palavra “*tchumak*”. No entanto, esse radical persiste ao longo do texto do seu ensaio, e denota um código semântico muito importante, criado por ela em “Púchkin e Pugatchov”, permitindo-lhe falar sobre Pugatchov e Púchkin na mesma linha - todas as palavras com o radical

“*tchum*” ou som “*tch*” que formam o anagrama - *Pugatchov*, *tchiort*, *pumatch*, *Tchumaki*, *Tchumakov*, *tchuma*, *kumatch*, *tchara*, *tchistota* - estão incorporadas ao tema da destruição iminente, “à beira do abismo”, como dito em “Festim em tempos de peste” ou, mais amplamente, ao motivo da revolta: Todas essas imagens são códigos essenciais na mitopoética de Tsvetáieva e são ilustrativos dos temas que a preocupam no final da sua vida, face ao vendaval dos sangrentos expurgos stalinistas³⁰.

Para mim, “*Vojatyi*” rimava com *jar* [“chama”; “brasa”]. *Pugatchov* rimava com *tchiort* [“diabo”], e também com *tchumaki* [“carroceiros de carro de boi”], sobre os quais eu lia, ao mesmo tempo, nas histórias de Polievói. Os *tchumaki* eram de fato demônios, suas *tchervóntsi* [moedas de ouro], eram na verdade brasas que queimaram através

²⁹ Russo: «Отец народов»; «Отец, учитель и друг»; «Великий вождь»; «Великий вождь и учитель»; «Величайший корифей мировой науки»; «Величайший учёный всех времён»; «Величайший полководец всех времён и народов»; «Гениальный учёный»; «Лучший друг (учёных, писателей, физкультурников и др.)»; «Мудрейший вождь»; «Солнцеликий».

Em português: “Pai das Nações”; “Pai, professor e amigo”; “Grande líder”; “Grande líder e professor”; “O maior Corifeu da ciência mundial”; “O maior cientista de todos os tempos”; “O maior comandante de todos os

tempos e povos”; “O cientista mais brilhante”; “O melhor amigo (de cientistas, escritores, atletas e etc.)”; “O líder mais sábio”; “Rosto do Sol”.

³⁰ Tsvetáieva, Marina. “Púchkin e Pugatchov: “Вожатый во мне рифмовал с жар. Пугачев – с черт и еще с чумаками, про которых я одновременно читала в сказках Полевого. Чумаки оказались бесами, их червонцы – горящими угольями, прожегшими свитку и, кажется, сжегшими и хату. Но зато у другого мужика, хорошего, в чугуне вместо кострового жару оказались червонцы. Все это – костровый жар, червонцы, кумач, чумак – сливалось в одно грозное слово: Пугач, в одно томное видение: Вожатый”.

da coberta de pano e, ao que parece, incendiaram a *khata*³¹ também. Mas para compensar, no pote de ferro do outro mujique, o bom mujique, as *tchervóntsi* apareciam em vez de brasas. Tudo isso – o *kostrovyi jar* [“carvão ardente”], as *tchervóntsi*, o *kumatch* [“pano vermelho”], *tchumak* – se fundiam em uma só palavra temível: *Pugátch* e em uma figura sombria – o *Vojatyi*.

É nesse contexto linguístico que o tema do *tchara* – feitiço, encanto, magia – é introduzido no decorrer da reflexão sobre as questões que mais afligem Tsvetáieva. Ela aproveita a ocasião da escrita de *A Filha do Capitão* para refletir sobre as origens e os motivos ocultos que impulsionam as ações humanas, sobre a natureza do mal e suas faces perigosas (inversões – “*obopomax*”) e sobre as forças irracionais da existência, às quais pertence o encanto, a magia (*uápa*).

Essa palavra e conceito, essencialmente, acabam por estar no centro do ensaio³².

Aos olhos da autora, *tchara* é uma força poderosa; sob sua influência “estamos no cativeiro completo e na completa liberdade do sono”. Essa força atua além da razão e da vontade da pessoa e, como qualquer força elementar da natureza, (*stikhiia*) é difícil, senão impossível, resistir a ela. Também é irresistível porque, como enfatiza Tsvetáieva, “*tchara* é mais antiga que a experiência”. Ela a precede³³.

Em primeiro lugar, o próprio Púchkin foi atraído pela figura de Pugatchov, por um feitiço misterioso. O mesmo feitiço afeta o leitor adulto da história de Púchkin, acreditava Tsvetáieva, e chega até nós, leitores, desde a primeira linha, quando uma figura enegrece ao longe, no meio do turbilhão da nevasca.

Frente à sua presença poderosa, cheia de energia e calor, a filha do capitão, Macha Mirónova, não pode deixar de parecer entediante e insípida; “a estúpida Macha... desmaia quando disparam um canhão” e “tudo o que se ouve sobre ela é que ela é ‘extremamente pálida’”. E Tsvetáieva só aceita o jovem Griniov a partir do momento em que este se inflama de indignação, não concordando com as exigências de Pugatchov e revelando

³¹ Casa camponesa de vilarejos ucranianos, belarrussos e do sul da Rússia – feita de toras de madeira ou de barro.

³² Alguns estudiosos têm argumentado que “Púchkin e Pugatchov” foi principalmente concebido e escrito

para ela pensar “o encantamento” e refletir sobre seu poder. Cf. KUDROVA, I. Ibid.

³³ Ibid.

assim a sua capacidade de resistir. E a Imperatriz Ekatierina é completamente insípida aos olhos da pequena leitora; “Ela é muito gentil -- gentil demais e açucarada... sua brancura, gordura e bondade me deixaram fisicamente doente, como costeletas frias ou lúcios quentes com molho branco”, é como Tsvetáieva relembra sua impressão infantil da personagem³⁴.

Há mais uma característica importante na visão de Tsvetáieva com respeito aos heróis da novela de Púchkin e o destino do próprio poeta.

O ensaio “Púchkin e Pugatchov” apresenta uma ideia paradoxal: o verdadeiro par amoroso em *A Filha do Capitão* não é Macha Mirónova e o Segundo-Tenente Griniov, mas Griniov e Pugatchov!³⁵ Os argumentos de Tsvetáieva se baseiam no fato de que as boas ações e presentes de Pugatchov para Griniov excedem, e muito, uma simples gratidão pelo gesto do jovem fidalgo em oferecer o casaco de pele de lebre para o “mujiue” que o guiou na nevasca. Pugatchov é o benfeitor de Griniov desde o primeiro minuto. Ele o

levou para a estrada e depois o deixou livre para ir aonde quiser – “aos quatros cantos.” E toda a história dos seus encontros, sublinha Tsvetáieva, ocorre entre estes dois gestos”.

Se o vilão que “golpeia todo mundo, mas ama a um só (e poupa-lhe a vida)” parece estranho, mais estranho ainda é o afeto que o jovem fidalgo sente pelo rebelde em meio aos horrores sangrentos do levante. Griniov, aos olhos de quem Pugatchov enforcou o pai de sua amada, sente uma atração inexplicável pelo fora-da-lei. Tsvetáieva insiste que o jovem tenente amava Pugatchov³⁶:

[...] o filho do senhor Griniov também amava Pugatchov. Amava-o, a princípio, com a gratidão de um cavalheiro, sentimento não menos forte para um fidalgo do que a da própria honra. Amava primeiro agradecendo, e depois já a despeito de tudo: contrariando seu nascimento, educação, ambiente, destino, caminho, fado, essência. Desde o primeiro minuto do sonho, quando o terrível mujiue, golpeando uma *izbá* inteira de corpos, começa a dizer com ternura: “Não tenhas medo, aceita a minha bênção”, - através de toda a vilania e o desmando, através de tudo e apesar de tudo - ele o amava.

Entre Pugatchov e Griniov houve uma conspiração de amor.

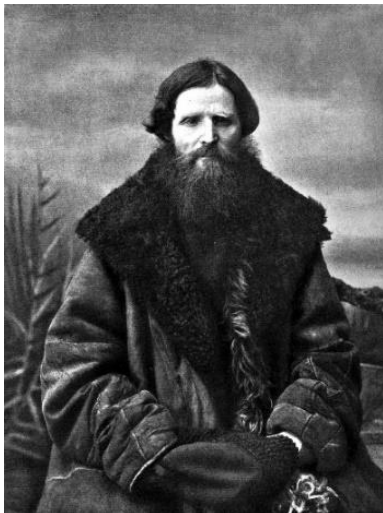
Pugatchov, quando em público, está sempre piscando às escondidas para Griniov: Tu, ele estava dizendo, sabes. E eu, eu também sei. Nós dois sabemos. O

³⁴ TSVETÁIEVA, Marina. “Púchkin e Pugatchov”. Ibid.

³⁵ KUDROVA, I. Ibid.

³⁶ JILINA, Natalia “Истинные и ложные ценности в романе А.С. Пушкина «Капитанская дочка»”, *Issledovatel'skii Jurnal Russkogo Yazyka i Literaturny*, Vol. 3, No. 1, 2015, pp. 5-22.

que? No mundo material, a palavra pobre: o *tulup* de lebre; no mundo essencial, uma outra palavra pobre: o amor.



Tulup³⁷

Essa colocação lança luz sobre a própria visão existencial de

Tsvetáieva³⁸. Para essa atração sincera, Tsvetáieva encontra uma palavra da esfera do extrarracional: o encantamento, o feitiço, *чара*. Aos olhos de Tsvetáieva, nem o destino nem o encanto são um adorno do discurso poético, mas pura realidade. Para ela, é o mundo visível que é suspeito e se revela pouco confiável (“a mentira do mero olhar” - «ложь лицезрения»³⁹ - é a sua fórmula).

“Arte à Luz da Consciência” ilustra bem o credo de Tsvetáieva. Aí estamos falando de inspiração (*наитие*), de encantamento (*чара*) e da conexão direta do processo criativo com as forças de ordem superior (*stikhii*): “Alguma coisa, alguém, se apodera de você, sua mão é o mero executor, não você, mas ele. Quem é ele? Aquilo que quer vir a existir através de você”, é a definição lacônica de Tsvetáieva⁴⁰.

Não é por acaso que estas forças elementares, *stikhii*, partilham a sua

³⁷ Casaco de pele de Carneiro.

<http://russiatrek.org/blog/history/festive-and-everyday-clothes-in-the-russian-empire>

³⁸ Existe um mundo material e um mundo essencial, acreditava ela, e é para este último que se dirige toda a sua atenção. Ela disse isso explicitamente no artigo “O Poeta Alpinista”: “... é imperativo finalmente entender” [...] “que existe um outro sangue, uma outra hereditariedade, uma outra física - no pleno sentido desse conceito, e na mesma medida confiável

e efetivo, como o que conhecíamos até agora. É a física do mundo espiritual”.

³⁹ “Деревья / [...] Но юным гением / Восстав — порочите / Ложь лицезрения / Перстом заочности. [...] 9 мая 1923”.

⁴⁰ “Искусство при свете совести” (“Arte à Luz da Consciência”) «Что-то, кто-то в тебя вселяется, твоя рука исполнитель, не тебя, а того. Кто — он? То, что через тебя хочет быть». https://www.tsvetayeva.com/prose/pr_iskustvo_pri_sovesti.

origem e raiz gregas com “*stikh*” – “verso”, como André Rosa não se cansava de sublinhar durante os nossos primeiros passos na tradução. Não encontramos, infelizmente, nenhum meio fácil ou unificador o suficiente para traduzir este conceito tão importante de todo o credo poético de Tsvetáieva e, por que não, de toda poesia russa e eslava.

O papel e o poder dos elementos irracionais no destino humano são um dos temas dominantes da criatividade de Tsvetáieva e do modernismo russo. Ela sempre procura as origens e as raízes da existência terrena do homem em outras dimensões – “acima dos eventos, abaixo dos eventos” – mas não no cotidiano e não no mundo material⁴¹. Uma pessoa dotada do dom e da capacidade de acatar o imperativo de ouvir os fenômenos da natureza, as forças superracionais, o estrondo do caos, é incapaz de resistir a eles, ou seja, o poeta-criador acaba sendo ao mesmo tempo um “líder”, um “desbravador”

(“*Vojatyi*” na terminologia de Tsvetáieva), e também o “conduzido” («*ведомым*»).

A criatividade e o encantamento, o feitiço, «*чара*», definem, pela sua potência poética, uma força natural especificamente humana. É também essa força que permite materializar o encontro de Pugatchov e Púchkin não apenas na relação apaixonada e trágica entre Griniov e o rebelde, mas também entre o poeta e o impostor, o tsar-pretense – o *samozvanets* Iemelka Pugatchov, além ou, melhor, apesar do retrato factual descrito por Púchkin – o cronista, na *História da Rebelião de Pugatchov*, com base nos registros arquivísticos. E aqui, o problema filosófico fundamental – da verdade e da representação, e a verdade de uma representação poética – vêm à tona no ensaio de Tsvetáieva.

Neste contexto, a sua discussão sobre as duas representações, os dois retratos de Pugatchov – na *História da Rebelião de Pugatchov*, baseada no

⁴¹ Em sua essência, todo o trabalho de um poeta equivale a uma realização, à realização física de uma tarefa espiritual (não atribuída por ele mesmo). E toda a vontade de um poeta – equivale à vontade laboriosa de realização. (Não existe vontade criativa individual.) A vontade de incorporar fisicamente o que já existe espiritualmente (o eterno) e de incorporar espiritualmente (inspirar) o que ainda não existe espiritualmente e deseja existir,

independentemente das qualidades desse desejante. Incorporar o espírito que deseja um corpo (ideias) e inspirar os corpos que desejam uma alma (os fenômenos). A palavra é corpo para as ideias, alma para os fenômenos (*stikhii*) “Arte à Luz da Consciência”.
https://www.tsvetayeva.com/prose/pr_iskustvo_pri_sovesti

arquivo estatal, e em *A Filha do Capitão*, ficcional – é fascinante e reveladora. É um verdadeiro *tour de force* e, decerto, hipnotizante. Com maestria incomparável, Tsvetáieva reúne todos os fios díspares de sua meditação nessa discussão do poder transfigurativo e catártico da visão poética de Púchkin⁴². Ela aborda a questão central do poder da Arte – o peso da verdade dos fatos, nas suas palavras, e a verdade da própria arte. Por que Púchkin, em “*A História de Pugatchov*”, primeiro retratou o grande rebelde como uma “besta” selvagem e cruel, a vera personificação da vilania, e na novela *A Filha do Capitão*, escrita mais tarde, como um herói grandioso, a própria personificação da magnanimidade? Como historiador, ele conhecia todas as “verdades baixas”⁴³ sobre o levante histórico de Pugatchov, mas como poeta, como artista, ele as esqueceu, deixou-as de lado e deixou o principal, a grandeza humana de Pugatchov, sua

generosidade, seus “olhos negros ardentes”.

A resposta de Tsvetáieva não é completa, mas é inspirada. A. S. Púchkin conseguiu a transfiguração do seu herói, porque a verdadeira arte não tolera a glorificação ou a admiração do mal; porque a poesia é o critério sublime da verdade factual e da sua justeza; porque a verdadeira compreensão do poeta se alcança somente através da poesia, “através do efeito catártico” do trabalho poético⁴⁴.

O poder de *tchara*, do feitiço, da magia na intuição modernista do século XX não elimina nem a responsabilidade pessoal, nem a do poeta e criador. Os pensamentos de Tsvetáieva sobre *samozvanstvo* - a autoproclamação, e a divina ou do destino, constituem, talvez, a reflexão mais profunda sobre a questão do poder como tal, e do poder da Arte em relação à Verdade, no que diz respeito ao fluxo melancólico dos eventos históricos⁴⁵.

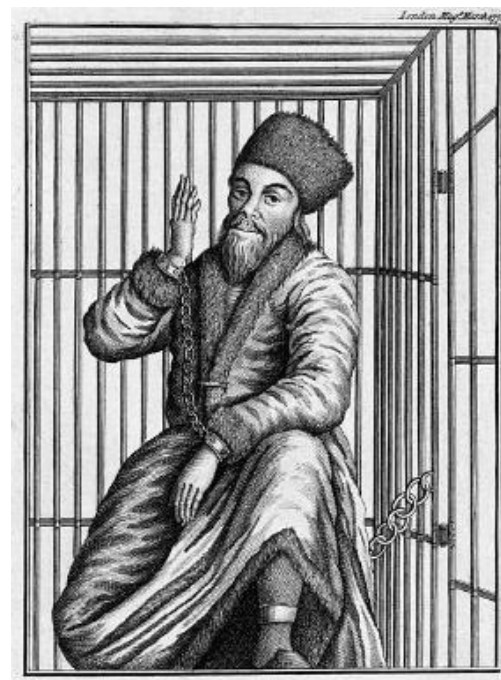
⁴² Tsvetáieva escreve, no entanto, que em *A História de Pugatchov*, Púchkin o retratou de forma completamente diferente, embora tenha lhe deixado muitas qualidades louváveis: sua fala alegórica como num conto de fadas, o amor das pessoas simples por ele. “Púchkin agiu como o povo (em *A Filha do Capitão*. N. T.): ele corrigiu a verdade... deu-nos um outro Pugatchov, o seu próprio Pugatchov, o Pugatchov do povo...” ...

⁴³ Verso de “Herói” de Púchkin: “...Да будет проклят правды свет, / ... Нет! ...Тьмы низких истин мне дороже / Нас возвышающий обман... / Оставь герою сердце! Что же / Он будет без него? Тиран...”.

⁴⁴ ORLOV, IBID.

⁴⁵ Fiz uma análise mais aprofundada sobre o assunto, como parte da minha pesquisa de pós-doutorado intitulada “Reflexões sobre a Iconografia de Tsvetáieva em ‘Púchkin e

Mas é também imprescindível falar da magia, do encanto do próprio ensaio de Tsvetáieva! Por mais que se releia o texto, a cada vez o escopo das ideias se expande, novos aspectos e facetas se revelam. “Púchkin e Pugatchov” não é um estudo histórico e literário. Esse texto seria mais precisamente chamado de estudo de um escritor, um esboço poético sobre Púchkin. Tsvetáieva percebe as obras sobre as quais escreve como uma poeta e dá ao leitor a oportunidade de ler *A Filha do Capitão* pelos olhos de uma poeta⁴⁶. Bródski foi ainda mais longe em seus elogios, e insistia que Tsvetáieva consegue elevar o leitor ao seu próprio nível excepcional. Esperemos que a presente tradução forneça um vislumbre da riqueza do intelecto brilhante de Tsvetáieva.



Pugatchov preso e acorrentado.
Gravura da década de 1770.⁴⁷

Nota sobre a tradução e suas impossibilidades

“Arte – uma série de respostas para as
quais não há perguntas”⁴⁸.
Tsvetáieva

De acordo com Tsvetáieva, “Arte é aquilo através do qual a força elementar [stikhiia] mantém [derjit] – e domina [oderjivaet]: um meio para manter [derjaniia] (de nós – pelos elementos), não uma autocracia [samoderjavie]; mas a condição de ser possuído [oderjimosti], não o conteúdo

Pugatchov’: “‘Samozvanstvo’ em Imagem e Semelhança”.

⁴⁶ KUDROVA, I. Ibid.

⁴⁷ *International Encyclopedia of Revolution and Protest*, ed. Immanuel Ness, Blackwell Publishing, 2009, pp. 2775–2776

⁴⁸ Искусство при свете совести (Arte à Luz da Consciência).

https://www.tsvetayeva.com/prose/pr_iskustvo_pri_sovesti.

[*soderjanie*] da condição de possuído [*oderjimosti*]"⁴⁹. Essa frase é um bom exemplo do que um tradutor enfrenta ao abordar a prosa de Tsvetáieva. Não é, portanto, difícil ver que a tradução da sua prosa é quase tão desafiadora quanto traduzir os seus versos. Em toda parte, há ritmos, rimas, meias rimas, ecos de vogais, consoantes ou estruturas de palavras, que não podem ser transferidos para os termos que são necessários para transmitir os significados na língua da tradução. Em todos os lugares há idiossincrasias expressivas de sintaxe e pontuação (como o uso frequente do travessão, por exemplo).

Esse desafio impossível nem sequer foi contemplado pelo nosso grupo de três: André Rosa, Sofia Osthoff Bediaga e eu, quando nos aventuramos no estudo de *A Filha do Capitão* de Púchkin e na decifração de "Púchkin e Pugatchov". Nem mesmo um rascunho completo da obra foi produzido, mas a experiência marcou, acredito eu, um momento importante da nossa jornada intelectual – conjunta

e individualmente – nos tesouros da literatura russa.

Voltei ao estudo poético anos depois e num contexto muito diferente, como parte da minha pesquisa de pós-doutoramento sobre a dialética de "fato e ficção" centrada nas formas de compreender e representar a responsabilização (*accountability*) política. Púchkin e Pugatchov, de Tsvetáieva, tornou-se um texto importante para a análise de fatos históricos e de material de arquivo no processo de memorização da experiência coletiva. A minha inquirição envolveu duas partes relacionadas, mas distintas: a primeira, focada nos problemas ligados à ficção histórica e às várias abordagens metodológicas com respeito ao peso testemunhal das narrativas, ou seja, à questão da veracidade das interpretações de acontecimentos políticos⁵⁰; e a segunda, a tradução do ensaio em prosa "Púchkin e Pugatchov". Mais uma vez, o meu objetivo não era tentar fazer justiça ao ineditismo e brilho deste texto, mas de facilitar, tanto quanto os meus limitados poderes de tradutora

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ "Reflexões sobre a Iconografia de Tsvetáieva em 'Púchkin e Pugatchov': "'Samo-zvanstvo' em Imagem e Semelhança".

para português permitissem, uma
compreensão mais acessível da
magnífica arte e do talento
extraordinário de Tsvetáieva.